Colecção Autores Gregos e Latinos
Série Textos

Plutarco

Vidas Paralelas
Alcibíades e Coriolano

Tradução do grego, introdução e notas
Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues





Todos os volumes desta série são sujeitos a arbitragem científica independente.

Autor: Plutarco
Título: Vidas Paralelas - Alcibíades e Coriolano
Tradução do grego, introdução e notas:
Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues

Editor: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Edição: 1ª/2010

Obra realizada no âmbito das actividades da UI&D
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras
Tel.: 239 859 981 | Fax: 239 836 733
3000-447 Coimbra

ISBN: 978-989-8281-54-8
ISBN Digital: 978-989-8281-55-5
Depósito Legal: 316680/10

Obra Publicada com o Apoio de:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA
POCI/2010

SoPlutarco
Sociedade Portuguesa de Plutarco

Volume integrado no projecto ***Plutarco e os fundamentos da identidade europeia*** e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Índice

Introdução Geral

Ao pôr em paralelo o percurso biográfico de Alcibíades e de Coriolano, Plutarco escolheu duas figuras, uma grega, outra romana, de contextos históricos não muito similares. Alcibíades pertence ao contexto de uma democracia em crise, numa Hélade em vésperas de se lançar na guerra civil generalizada ou já envolvida nela – a Guerra do Peloponeso – em que, inclusivamente, o velho inimigo persa era visto como aliado possível para ajudar a enfraquecer a facção grega contrária. Coriolano, por seu turno, pertence aos primórdios da República, numa Roma pré-helénica. A figura do primeiro tem contornos históricos nítidos, enquanto na do segundo se esbatem a História e os contornos lendários. Ambos ficaram órfãos demasiado cedo, na infância, distinguindo-se Alcibíades pelo refinamento da sua educação. Mas a essa *paideia* refinada corresponde uma capacidade camaleónica (a imagem é de Plutarco) de adaptação às circunstâncias, enquanto Coriolano, na sua dureza e intransigência, deixa transparecer, pela negativa, traços do ancestral perfil do Romano. A inegável coragem de ambos não foi sempre posta ao serviço da pátria. Mal compreendidos ou ressentidos com os seus concidadãos, ambos vieram a representar uma ameaça para as respectivas pátrias, aliando-se, respectivamente com Espartanos ou Persas, ou com os Volscos, para granjear a sobrevivência ou a vingança.

O começo da biografia de Coriolano prepara já a *synkrisis* entre as duas *Vitae*, na medida em que responde, de alguma forma, ao paralelismo entre a infância das duas personagens. Coriolano também ficou órfão de pai na infância, mas manteve sempre, em relação à mãe, um grande afecto. Em *Alcibíades* não se fala, à partida, de afectos, mas de grupos de jovens que rodeavam o protagonista e o seguiam. A Coriolano faltou-lhe a presença vigorosa de um pai e a educação que desenvolvesse as virtudes do seu carácter e inteligência, refreando os defeitos e impulsos, como a cólera, a que era propenso, e a arrogância. Com a bela imagem de matriz platónica[1] realça Plutarco o papel necessário que a educação exerce sobre as naturezas nobres e os caracteres potencialmente bons (*Cor.*1.2-3):

> *Órfão de pai, Gaio Márcio (pois é sobre ele que aqui se escreve) foi educado pela mãe viúva, provando que a orfandade, apesar de ter coisas desagradáveis, não impede que se venha a ser um homem virtuoso e que se distinga da maioria, ainda que alguns, mesquinhos, a responsabilizem e culpem pela corrupção, tendo em conta a negligência com que supostamente terão sido tratados. Este mesmo homem deu testemunho dos que acreditam que a natureza, ainda que nobre e boa, se for desprovida de educação, produz muitas coisas boas, mas também más, tal como acontece na agricultura, quando um terreno fértil é deixado ao abandono e sem cuidados.*

Estas considerações constituem uma espécie de resposta ao itinerário de juventude de Alcibíades. Este,

[1] Ver Platão, *República* 491 d-e.

em contrapartida, teve tutores de prestígio, teve quem se ocupasse da sua educação e, sobretudo, contou com a dedicação de Sócrates, empenhado em fazer desabrochar o que de melhor havia no jovem. O que, à partida, se pode considerar o *ethos* potencial de Alcibíades, com as boas e más qualidades que exigiam a intervenção de um educador, mas também o esforço do próprio, foi sendo sujeito a agentes externos contraditórios, de modo a que o que de pior havia em Alcibíades prevaleceu, como resposta a um destes tipos de agentes.

No espírito e conduta de ambos vislumbrou Plutarco a presença de traços da tirania que sempre põe em perigo o equilíbrio e destino de uma comunidade (ainda que, em alguns momentos, os rasgos de patriotismo falassem mais alto).

Imitando o ritmo da oscilação deste carácter e do seu destino, Plutarco conclui a comparação das *Vitae* de Alcibíades e Coriolano com um desfecho teatral: começa por estabelecer um paralelismo que aparenta ser favorável em aptidões a Alcibíades sobre Coriolano para no fim, inesperadamente, operar um *volte-face* e concluir que a *philotimia* de Coriolano foi redimida pela sua *sophrosyne* e pelo desprendimento em relação às riquezas, enquanto Alcibíades se revelou como o homem mais destituído de escrúpulos e mais destituído de sentido moral – *to kalon*.

A tradição manuscrita não é unânime quanto à ordenação deste par de *Vitae* – o que tem paralelo nas actuais edições. Ainda que pareça ser mais forte a tradição que faz anteceder Coriolano a Alcibíades

(quiçá por motivos de cronologia relativa), entendemos, não havendo unanimidade na tradição e, estando este volume integrado numa série de publicações das *Vidas* em tradução, em que a grega antecede a romana, respeitar essa mesma ordenação no que toca aos biografados Alcibíades e Coriolano[2].

Para a tradução destas *Vitae*, usámos como texto base a lição de K. Ziegler, *Plutarchi Vitae Parallelae* (*recognouerunt* Cl. Lindskog *et* K. Ziegler, da colecção *Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana*), publicada em Leipzig pela casa B. G. Teubner, em 1959.

Finalmente, deixamos explícito o nosso agradecimento ao Coordenador Científico do Projecto "Plutarco e os fundamentos da Identidade Europeia", o nosso Colega Doutor Delfim Ferreira Leão, pelo interesse manifestado e apoio prestado à publicação deste volume, traduzidos, inclusivamente, na cuidadosa revisão de texto e em sugestões dadas.

[2] Sobre este assunto veja-se Pérez Jiménez (2006) 10-11.

Vida de Alcibíades

Introdução

Em muitas das *Vitae* de Plutarco apercebemo-nos de uma espécie de tensão agonística entre valores naturais, que se deixam adivinhar nas potencialidades que o seu carácter parece revelar à partida, e estímulos externos ou contingências que, muitas vezes, põem à prova e se sobrepõem a essa natureza promissora. Do resultado dessa luta, seja ele já perceptível na juventude, ou na maturidade ou no fim da vida, decorre a configuração final do *ethos* do herói.

Neste contexto revela-se particularmente interessante o caso da *Vida de Alcibíades*. Sobre esta fascinante e polémica figura afirma Plutarco (4.2.) — curiosamente no mesmo capítulo inicial em que refere, de forma enfática, a força positiva da presença de Sócrates:

> *É que não há outro homem a quem a fortuna (*tyche*) tenha envolvido e rodeado de um tal conspecto de atributos, para o tornar invulnerável à filosofia…"*

O capítulo citado pertence ao conjunto de capítulos iniciais que se ocupam, de modo aparentemente desordenado, da ascendência e de episódios da infância e adolescência desta figura.

Nascido, como o atesta Plutarco, das mais ilustres famílias atenienses em 451 a. C., dotado de inteligência,

beleza, força e coragem, capacidade de sedução e dotes oratórios, além de um sentido estratégico apurado e uma pronta capacidade de resposta às situações, vem a morrer, fora da pátria e acossado por várias facções, incluindo os seus compatriotas, em 404 a. C. Foi responsável pelas campanhas atenienses de maior êxito na Guerra do Peloponeso, mas igualmente responsável pelos reveses que a sua cidade pátria sofreu. É que aos dotes naturais correspondiam características que os moldavam e conduziam, muitas vezes, no sentido das piores condutas. Alcibíades ficou conhecido como alguém de vaidade desmedida, de extrema ambição, a que se associava a procura incontida de notoriedade. A propensão para o excesso determinou a sua vida dissoluta, rodeado de amantes, entregue à bebida e à influência de aduladores. Estes traços negativos, potenciados por factores de ordem externa, levaram a que a influência filosófico-pedagógica de Sócrates[1], que nele soube vislumbrar o que havia de virtude e potencial congénito, se esbatesse e fosse anulada, como se a *Tyche*[2], como um vento, arredasse o filósofo e envolvesse o jovem por essa nuvem de agentes de dissolução.

A sua existência agitada e instável é imagem da da própria pólis ateniense do tempo da sua maturidade, envolvida na Guerra do Peloponeso, onde se jogaram interesses, alianças, sedições e traições que levaram Atenas da hegemonia à queda e perda da democracia de que tanto se orgulhava. Se os cidadãos temiam os

[1] Becchi (1999) 25-43.
[2] Pérez Jiménez (1973) 103 sqq.

traços que, em Alcibíades, poderiam denunciar a sua propensão para a tirania, foi, contudo, sem Alcibíades, que sofreram a experiência tirânica imposta pelos inimigos, no final da guerra.

Não admira, pois, que a figura de Alcibíades tivesse atraído a inveja dos seus contemporâneos e que, mediante acusações de fundamento nebuloso, tivessem querido anular a sua preponderância para, depois, lamentarem o facto de, com isso, o terem empurrado para a facção inimiga.

O fascínio que esta personagem exerceu na Antiguidade e continua a exercer até nós está comprovado pelo número de autores antigos, quer contemporâneos quer posteriores, que lhe devotaram atenção, na sua obra: Aristófanes, Tucídides, Xenofonte, Platão, Teofrasto, a filosofia de tradição platónica, estóicos como Zenão e Cleantes, oradores diversos[3], historiógrafos dos sécs. IV e III a. C., historiadores romanos, autores de literatura biográfica, de que distingo Cornélio Nepos, e, não esquecer, Plutarco[4].

Não encontramos nesta biografia propriamente um prólogo[5]. Plutarco entra directamente no assunto: Alcibíades descende de heróis da saga épica, ao mesmo tempo que a linha materna o liga aos Alcmeónidas. Seu pai combateu os Persas em Artemísio e os Beócios em Coroneia, onde morreu. Péricles e Arífron foram

---

[3] Vide Calvo Martínez (2004) 37-48.

[4] Para informação mais analítica vide Pérez Jiménez (2006) 20-21.

[5] Stadter (1988) 275-295 distingue duas espécies de prólogos, nas *Vitae* de Plutarco, e inclui o da presente *Vita* no grupo dos prólogos integrados.

afigurava-se que o decurso da expedição correria melhor se não fizessem de Alcibíades chefe absoluto, mas antes combinassem a ousadia deste com a prudência de Nícias. 2. E depois, também o terceiro estratego, Lâmaco, embora entrado em anos, não parecia ser menos impetuoso que Alcibíades, nem menos temerário nos combates. Uma vez que se estava ainda na fase de deliberar sobre a quantidade e o modo dos preparativos, Nícias tentou, uma vez mais, intervir para impedir a guerra. 3. Alcibíades, porém, ripostou-lhe e prevaleceu. Então um dos oradores, Demóstrato, apresentou uma proposta e disse que os estrategos deviam ter plenos poderes, quer para os preparativos, quer para toda a condução da guerra.

4. Quando o povo acabou de votar este decreto e tudo estava preparado para a partida, foram vistos maus presságios, inclusivamente na festa que então se celebrava. 5. Aquela ocasião coincidiu com a festa de Adónis – festa em que as mulheres expunham por toda a parte imagens que representavam cadáveres prontos para ser enterrados e em que imitavam os ritos funerários, batendo no peito e entoando cânticos fúnebres. 6. Entretanto ocorreu a mutilação dos Hermes[48]. A cabeça da maior parte deles foi danificada numa só noite, o que perturbou muitas pessoas, incluindo aquelas que não atribuíam importância a tais

[48] Cfr. Tucídides 6.27.1. Crespo (1999) 381 n. 42: "Los hermes eran pilares cuadrangulares de piedra tallada en los que estaban figurados la cabeza y los órganos genitales del dios Hermes, como protector de los caminos, de las calles, de las puertas. Estaban situados a las puertas de las casas particulares, de los templos y en el ágora".

coisas. 7. Correu a voz de que os autores tinham sido os Coríntios, uma vez que Siracusa era uma colónia coríntia, na esperança de que este presságio travasse os Atenienses ou os fizesse mudar de ideias. 8. Mas a multidão não se deixou levar por esta explicação, nem pela dos que pensavam que se não tratava de presságios assustadores, mas do efeito normal da embriaguez de jovens libertinos que se deixaram levar até esta brincadeira sacrílega. A multidão considerava o sucedido com fúria e medo, pois via nele o indício de uma conspiração audaciosa que tinha por detrás objectivos bem mais amplos. Tudo o que podia ser alvo de suspeitas foi implacavelmente investigado. Por causa deste episódio, o Conselho e a Assembleia reuniram várias vezes em poucos dias.

19. 1. Entretanto o orador Ândrocles apresentou como testemunhas uns escravos e uns metecos que acusaram Alcibíades e os seus amigos de terem mutilado outras estátuas e de terem parodiado os Mistérios debaixo do efeito do excesso de bebida. 2. Diziam que um tal Teodoro tinha feito de arauto, Pulítion de portador da tocha, Alcibíades de hierofante e que os outros elementos do grupo assistiram como espectadores, no papel de iniciados nos Mistérios. 3. Este é o relato contido no texto da denúncia apresentada por Téssalo, filho de Címon, que acusava Alcibíades de impiedade em relação às duas deusas[49]. O povo mostrava-se revoltado e com

[49] Deméter e Perséfone, mãe e filha, em honra de quem os Mistérios de Elêusis eram celebrados. Teria sido Deméter a fundá-los, para celebrar o regresso periódico de sua filha do Hades à luz do

dureza de intenções em relação a Alcibíades; e uma vez que Ândrocles, um dos maiores inimigos de Alcibíades, o atiçava contra ele, os partidários de Alcibíades ficaram, de início, perturbados. 4. Este, ao perceber que todos os marinheiros e soldados que se preparavam para se fazer ao mar rumo à Sicília estavam do seu lado, e ao inteirar-se de que os hoplitas de Argos e de Mantineia, mil ao todo, declaravam abertamente que era por causa de Alcibíades que participavam nesta magna expedição militar do outro lado do mar, mas que se alguém o destratasse desertariam imediatamente, ele e os seus recuperaram a confiança e aproveitaram a oportunidade para se justificar. Assim, os seus inimigos ficaram, por seu turno, desencorajados e receosos de que o povo, no julgamento, fosse mais condescendente com ele porque dele precisava. 5. Perante isto, congeminaram fazer com que tomassem a palavra oradores que não passavam por ser inimigos de Alcibíades, mas que, na verdade, lhe devotavam um ódio não menor que o dos seus inimigos confessos. Eles levantar-se-iam na Assembleia para dizer que não tinha cabimento, naquela ocasião, quando se acabara de pôr um estratego à frente de forças de tal

dia. Como todo o culto iniciático, os Mistérios estavam rodeados de sigilo e o seu conhecimento apenas era acessível aos iniciados, que não deveriam divulgar o que ocorria nas cerimónias de culto. Daí a maior gravidade da paródia do ritual. Os três intervenientes principais na cerimónia eram o hierofante (lit. "o que mostra as coisas sagradas"), encarregado de presidir às cerimónias e revelar aos iniciados os mistérios; o arauto e o portador da tocha, à imagem da deusa Deméter, que procurou sua filha, munida de uma tocha, com a qual é representada. Apenas aos varões da família dos Eumólpidas estava, por tradição, atribuída a incumbência de desempenharem a função de hierofante. Vide Burkert (1987) 35 sqq.

dimensão, investido de poder absoluto, com o exército e os aliados a postos, desperdiçar o momento oportuno com sorteios de juízes e medições de água nas clepsidras. 6. "Pois decerto", argumentavam eles, "que Alcibíades embarque já, em boa hora, e, uma vez acabada a guerra, compareça então para apresentar a sua defesa nas mesmas condições.". 7. A perfídia deste adiamento não escapou a Alcibíades. Subiu então à tribuna e expôs ao povo até que ponto era terrível a sua situação: ser enviado à frente de um exército, enquanto deixava atrás de si um rasto de acusações e calúnias. Devia sofrer a morte, caso não as refutasse; mas, se as refutasse e provasse a sua inocência, deixassem-no ir ao encontro dos inimigos sem qualquer temor dos caluniadores.

20. 1. Não conseguiu, contudo, persuadir o povo e recebeu ordem para levantar ferro. Assim, embarcou com os outros estrategos. Levava pouco menos de cento e quarenta trirremes, cinco mil e cem hoplitas, cerca de mil e trezentos arqueiros, homens armados de funda, soldados de infantaria ligeira e material bélico considerável[50]. 2. Mal aportou a Itália tomou Régio[51] e propôs o plano de operações que se devia seguir. 3. Ainda que Nícias se opusesse, com a adesão de Lâmaco tomou o rumo para a Sicília e anexou Catana. Mas não foi mais além nos seus planos, pois os Atenienses mandaram-no regressar para ser julgado.

[50] Os números coincidem, por arrredondamento, com os que nos dá Tucídides 6.43.

[51] Neste ponto Plutarco não segue Tucídides 6.44.3, que refere a neutralidade de Régio.

4. De início, como já tinha referido, só recaíam sobre Alcibíades umas suspeitas e acusações vagas, com origem em escravos e metecos. 5. Mais tarde, porém, aproveitando a sua ausência, os seus inimigos montaram contra ele um violento ataque e, associando as mutilações dos Hermes à profanação dos Mistérios, mantinham que estes dois crimes foram obra de uma só conspiração revolucionária. Foram, assim, metendo na prisão, sem julgamento prévio, quem se tornou alvo de acusação de qualquer tipo de cumplicidade e arrependiam-se de não ter feito com que Alcibíades tivesse sido objecto de votação em assembleia e de o não haver julgado por actos de tal gravidade. 6. Todos os seus parentes, amigos, familiares, que se expuseram à cólera contra ele foram tratados com a maior dureza. Tucídides omitiu os nomes dos denunciantes, mas outros autores citam Dioclides e Teucro, tal como o faz o poeta cómico Frínico neste passo[52]:

7. -Tem cuidado, meu caro Hermes, não vás cair e magoar-te,
de modo a servires de pretexto para levantar calúnias
a um outro Dioclides que te queira fazer mal.
- Sim vou ter cuidado; nem quero ver Teucro recompensado
por ser um delator, esse patife estrangeiro.

8. De facto, os denunciantes não apresentaram qualquer prova segura e consistente. Um deles, ao qual perguntavam como tinha reconhecido os rostos dos Hermocópidas, respondeu que tinha sido graças ao

[52] Frg. 58 CAF I 385.

luar – o que era completamente falso, pois o crime foi praticado em noite de lua nova. Esta mentira provocou os protestos das pessoas sensatas, mas não tornou o povo, ainda assim, mais contemporizador no que diz respeito às calúnias: prosseguiu conforme tinha começado – a meter na prisão, com o mesmo afã, qualquer um que fosse denunciado.

21. 1. Entre os que estavam a ferros e presos a aguardar julgamento encontrava-se o orador Andócides[53], cuja ascendência o historiador Helânico[54] faz remontar a Ulisses. 2. Era tido como um inimigo da democracia e partidário da oligarquia. Mas o que o tornou suspeito de ter mutilado os Hermes foi, sobretudo, o grande Hermes que se encontrava nas imediações de sua casa e que tinha sido oferta da tribo dos Egidas. 3. Este foi, entre o pequeno número de Hermes dignos de nota, praticamente o único que ficou incólume. É por esse motivo que, ainda hoje, é conhecido por Hermes de Andócides, e toda a gente assim o designa, apesar do testemunho da sua inscrição.

4. Ora aconteceu que, entre os que foram presos debaixo da mesma acusação, Andócides travou estreita amizade com um homem chamado Timeu. Não era um notável, como Andócides, mas era dotado de uma inteligência e de uma audácia extraordinárias. 5. Este homem convenceu Andócides a dar-se como culpado a ele e a alguns outros, em número reduzido; é que, por

[53] Andócides deixou, no seu discurso *Sobre os Mistérios*, um extenso relato sobre estes acontecimentos.

[54] *FGrH* 4 F 170b.

decreto votado pelo povo, era concedida impunidade a quem confessasse os seus delitos, enquanto o resultado do julgamento era incerto para todos eles, e de temer, especialmente para os que fossem poderosos; mais valia salvar a vida com uma mentira que morrer de forma vergonhosa, sob a mesma acusação e, tendo em conta o interesse comum, sacrificar um punhado de homens de reputação duvidosa para salvar da cólera popular um grande número de homens de bem. 6. Foi isto que Timeu disse e conseguiu convencer Andócides. Este deu-lhe ouvidos e confessou-se culpado, ele, e alguns outros. Obteve a impunidade, segundo os termos do decreto. Porém, todos aqueles que tinha mencionado foram executados, excepto os que fugiram. Para se tornar mais convincente, Andócides denunciou até alguns escravos de sua casa.

7. No entanto, o povo não tinha ainda apaziguado a sua cólera. Pelo contrário: uma vez eliminados os Hermocópidas, descarregou toda a cólera que ainda o dominava sobre Alcibíades e, por fim, fez ao mar a trirreme de Salamina para o trazer de volta, não sem que antes tivesse recomendado aos emissários que não recorressem à violência nem lhe pusessem as mãos em cima, mas que o abordassem com palavras muito comedidas, instigando-o a acompanhá-los para poder ser julgado e convencer o povo da sua inocência. 8. É que se temia agitações e motins do exército em terra inimiga, o que Alcibíades facilmente poderia suscitar, caso quisesse[55],

[55] Nota Pérez Jiménez (2006) 160 n. 96 que Plutarco resume aqui, praticamente, Tucídides 6.61.1-4.

pois os soldados sentiam-se desencorajados com a ideia da sua partida. Temiam que, com o comando nas mãos de Nícias, a guerra se arrastasse com sucessivos compassos de espera e períodos de inactividade, a partir do momento em que fosse retirada essa espécie de acicate que espicaçava à acção. 9. De facto, Lâmaco era um homem belicoso e cheio de coragem; faltava-lhe, contudo, prestígio e autoridade, já que era pobre.

22. 1. Como consequência imediata da partida de Alcibíades, Messina escapou às mãos dos Atenienses. Havia, de facto, cidadãos de Messina que se preparavam para entregar a cidade. Alcibíades, que conhecia exactamente as suas identidades, denunciou-os aos partidários dos Siracusanos e deitou o plano a perder. Uma vez aportado a Túrios, desembarcou da trirreme e escondeu-se, escapando assim aos que o buscavam. 2. Alguém que o reconheceu disse-lhe: "Não confias, ó Alcibíades, na tua pátria?" "Quanto a tudo o resto, sim" , retorquiu, "mas no que diz respeito à minha vida, nem na minha própria mãe confiaria, não fosse ela, por lapso, depositar o voto negro em vez do branco!". 3. Quando veio a saber, posteriormente, que a cidade o tinha condenado à morte exclamou: "Pois agora vou-lhes mostrar que estou vivo."

4. Da denúncia pública, que ficou registada por escrito, consta o seguinte: "Téssalo, filho de Címon, do demo de Laquíades, acusa Alcibíades, filho de Clínias, do demo de Escambónides, de ter cometido um sacrilégio em relação às duas deusas, ao parodiar

os seus Mistérios e os revelar aos seus companheiros, em sua própria casa. Envergando vestes similares às que leva o hierofante quando mostra os objectos sagrados, intitulou-se ele mesmo de hierofante, designou Pulítion portador da tocha, Teodoro, do demo de Fegeia, arauto, e chamou aos restantes companheiros mistas e epoptas[56], em violação dos preceitos e disposições instituídos pelos Eumólpidas, os Cérices[57] e os sacerdotes de Elêusis."

5. Alcibíades foi condenado à revelia, os seus bens foram confiscados e ficou ainda decidido que seria amaldiçoado por todos os sacerdotes e sacerdotisas. Uma só, segundo se diz – Teano, filha de Ménon, do demo de Agrila -, se recusou a acatar este decreto. Declarou que a sua função de sacerdotisa era rezar, não amaldiçoar.

23. 1. No momento em que foram pronunciadas tais decisões e tão pesada condenação, Alcibíades encontrava-se em Argos; é que, mal escapou de Túrios, dirigiu-se para o Peloponeso. No entanto, como receava os seus inimigos e uma vez que tinha renunciado de todo à sua pátria, mandou intermediários aos Espartanos, solicitando que estes lhe garantissem imunidade e lhe dessem a sua confiança. Assim ele poderia prestar-lhes favores e serviços mais relevantes que os danos que lhes havia causado no tempo em que contra eles combatera. 2. Os Espartanos concordaram e apressaram-se a recebê-lo. Mal chegou, tomou várias iniciativas decisivas: a primeira, ao dar conta da lentidão e do modo como os

[56] Mistas chegados ao mais alto grau iniciático.

[57] Outra das famílias tradicionalmente associadas às cerimónias dos Mistérios.

assenta sobretudo na ira e não no exílio ou na pátria, pois é aquela que influencia as suas atitudes para com estes e não o oposto. Ainda que a atitude de Márcio em relação à pátria seja no essencial contrária à de outros biografados por Plutarco, como Rómulo, César, os Gracos ou Péricles. Por isso também, este herói/anti-herói plutarquiano, cheio de contradições e dilemas, não é tanto um agente da História quanto uma personagem moral e actuante. Trata-se de um exemplo acabado da transformação da historiografia em biografia moralizante.

O método encontrado por Plutarco para esta formulação baseia-se numa construção dualista do texto, em que a primeira parte sugere fundamentalmente um herói magnânimo e exemplo a ser seguido, uma verdadeira «teoria mimética da moral» de inspiração platónica[15] na linha liviana ou dionisíaca, enquanto a segunda o transforma numa figura rejeitada, num homem de paixões incontroláveis que acaba por se revelar o mais perigoso dos inimigos de Roma, tal como Cícero havia já delineado. Não deixa ainda de ser pertinente

porém, o exílio junto dos Volscos talvez fosse pouco significativo em termos culturais, uma vez que a origem destas tribos seria itálica e que o osco, o úmbrio e o latim (e o volsco, língua considerada próxima do úmbrio) formavam o que os linguistas designam por ««línguas itálicas». Sobre esta questão, ver Mayer (1997) 49 e T. Janson, *A Natural History of Latin* (Oxford, University Press, 2004) 10.

[15] Conceito usado por Frazier (1992) 4489. Segundo esta autora, as razões pelas quais Plutarco apresenta modelos e anti-modelos, a seguir ou a evitar, são indissociáveis, visto que para o escritor grego seremos melhores imitadores dos primeiros se não desconhecermos os segundos.

que Plutarco faça alinhar a vida de um herói romano semilendário, ainda que os Antigos eventualmente o não considerassem assim, com um estadista do período áureo ateniense. De certa forma, isso explica-se por Plutarco muito provavelmente encarar o período da vida de Coriolano como o de uma Roma áurea, com grandes semelhanças com a Atenas do século V a.C., apesar de pré-helenizada[16].

No âmbito da *Quellensforschung* plutarquiana, vários autores consideram que a *Vida* de Coriolano proporciona uma oportunidade ímpar para estudar o método do autor de Queroneia, uma vez que só raramente, se não apenas desta vez, Plutarco recorreu a uma única fonte ou autoridade para escrever uma biografia[17]. De facto, parece ter sido precisamente isso que aconteceu neste caso, composto essencialmente a partir da narrativa de Dionísio de Halicarnasso (livros V a VIII)[18]. Talvez esta opção se tenha devido ao facto de o historiador augustano ter dado particular atenção à figura de Coriolano, por oposição a Tito Lívio, que todavia lhe dedica pouco espaço nas sua história de Roma. Ainda assim, reconhece-se nesta *Vida* uma parte considerável que corresponde a material não importado de Dionísio, como apontamentos arqueológico-linguísticos, digressões filosóficas e reflexões morais, de que são

[16] Ver Geiger (1981).

[17] Russell (1963) 21; cf. Smith (1940) e Pelling (1979), que estudaram as vidas romanas que foram alvo de um tratamento e metodologia diferentes da de Coriolano.

[18] Este historiador é referido pelo nome na comparação entre Coriolano e Alcibíades (2, 4).

exemplos os parágrafos dedicados à onomástica (11), à inspiração divina (32) e aos milagres (38). Este foi já reconhecido também como um método tipicamente plutarquiano[19]. De igual modo, devem ser assinaladas as diferenças detectadas ao nível dos nomes de algumas das figuras reportadas, como o da mãe de Coriolano (Vetúria em Dionísio, Volúmnia em Plutarco, 4) e o da mulher (Volúmnia em Dionísio, Vergília em Plutarco, 33). Este elemento sugere que o Queronense nem sempre seguiu a lição de Dionísio de Halicarnasso, apesar de dificilmente ter recorrido a uma terceira fonte. Isto é, o que não é dionisíaco no *Coriolano* de Plutarco, muito provavelmente é tão-somente da autoria e iniciativa do biógrafo, confirmando a sua originalidade e liberdade na composição do texto[20]. Como foi já assinalado, o autor formulou a sua própria interpretação do carácter do herói e impô-la à sua versão dos acontecimentos[21]. Para o efeito, ele dispensa o rigor histórico, preocupando-se mais com a construção psicológica das personagens. Por isso mesmo não serão de estranhar as referências historicamente menos correctas nas *Vidas*, simplesmente porque Plutarco dispensou a precisão cronológica, em benefício de outros aspectos que considerou mais importantes. Talvez resida aqui um dos elementos para distinguir o biógrafo do historiador.

---

[19] Cf. e.g. *Rómulo* 26, 28, *Numa* 4; *Publícola* 15; *Camilo* 19, apud Russell (1963) 21, n. 5.

[20] Pelling (1997) 14-15.

[21] Russell (1963) 22. Este autor fala de «aumento», «resumo», «transposição» e «reinterpretação», ao nível da narrativa importada. Ver o artigo citado para exemplos do recurso a estas metodologias.

Com efeito, a relação entre Romanos e Volscos é uma problemática historicamente complexa, que se denuncia na vida de Gaio Márcio, tal como se insinuara antes na figura de Camila, a virgem guerreira celebrizada por Vergílio na *Eneida*. Como refere T. J. Cornell, o nosso conhecimento da sociedade e da cultura volsca é muito exíguo. Os vestígios onomásticos sugerem que os Volscos eram um povo itálico, que havia migrado de norte para sul, vindo do maciço apenino, em finais do século VI a.C. As referências linguísticas provêm sobretudo da chamada *tabula Veliterna*, uma inscrição de quatro linhas sobre bronze proveniente de Velitras e datada do século III a.C. A língua em que está escrita é por norma entendida como o volsco, sendo-lhe reconhecidas afinidades com o úmbrio. Por essa razão, os filólogos costumam atribuir uma origem nortenha aos Volscos e sugerem a sua migração de norte para sul. Mas não está fora dos horizontes dos historiadores contemporâneos considerar que a presença deste povo no sul da Península Itálica se tenha devido a uma migração do interior para o litoral, durante o século V a.C. As incursões de Sabinos, Équos e Volscos no Lácio durante esse período são assim entendidas como manifestações desse fenómeno. Os Volscos, em particular, ocuparam as cidades do sul daquela região durante os anos 90 do século V a.C. Estas guerras tiveram um efeito desastroso na economia e sociedade romanas e latinas em geral. Um dos ataques mais sérios terá sido o que decorreu entre 490 e 488 a.C., em que os Volscos invadiram o território latino e o devastaram. Muito provavelmente, a história de Coriolano traduz

uma memória popular genuína em que aquelas incursões e ataques ameaçaram de facto a própria existência de Roma[22]. Em contrapartida, foram já apontados argumentos que fazem com que se saliente mais o carácter lendário da vida de Coriolano que a sua factualidade histórica, designadamente: a baixa probabilidade de os Volscos terem escolhido um exilado romano para um dos seus generais e de lhe reconhecerem vitórias; a confusão com Gélon de Siracusa (16, 1); a anacrónica influência de um suposto jovem Coriolano no senado; a atribuição de um *cognomen* a Gaio Márcio, quando isso parece ter sido uma prática posterior; o anacronismo dos *comitia tributa* (20, 1-4); a identificação de Coríolos como cidade volsca, quando na realidade era latina; a improbabilidade de a sua conquista ter ocorrido em 493 a.C., e às mãos de outro general que não um dos cônsules em exercício; a inverosimilhança de tantas cidades conquistadas em tão pouco tempo (como mencionado em 28, 5)[23]. Ainda

[22] Cornell (1995) 304-307; Salmon (1930).

[23] Salmon (1930). Este mesmo autor salienta que se partirmos do princípio de que Coriolano era volsco e não romano, alguns aspectos passam a fazer mais sentido. Em defesa desta hipótese, ele lembra que, segundo Dionísio de Halicarnasso, *Antiguidades Romanas* 8, 63, os Volscos cultuavam a memória de Gaio Márcio e tinham canções sobre ele. Teria sido a vaidade romana a transformar o volsco Gaio Márcio num romano e, por conseguinte, a derrota dos Romanos a consequência dos feitos de um romano? Relativamente à eventual manipulação das datas no episódio de Coríolos, deverá ter-se em conta o contexto político de 446 a.C. e a disputa pela cidade nessa data. A verificar-se esse carácter lendário, e são vários os argumentos que o defendem, não esqueçamos que ele estava já presente na fonte de Plutarco, Dionísio de Halicarnasso. O biógrafo limitou-se a recolher as informações, mantendo-se acrítico quanto aos aspectos aqui referidos.

assim, permanece a hipótese de a essência da história corresponder à realidade histórica.

Igualmente presente na biografia de Coriolano, o método de apresentar a narrativa com recurso à inclusão de grandes cenas de influência teatral consubstancia-se na intervenção de Volúmnia junto do filho (34-36). Esta é uma cena composta por diversos elementos retóricos: a descrição da emoção do herói; o reencontro de mãe e filho, de mulher e marido e filhos e pai; o longo discurso da matrona; os significativos e inéditos silêncios de Coriolano; a prostração da família do general; o reconhecimento por parte do herói de que a mãe venceu com os seus argumentos e, de certa forma, «chantagem moral», e a renúncia à vingança. Mas, ao mesmo tempo, é uma cena despojada de elementos acessórios que possibilitem uma eventual distracção do leitor da questão verdadeiramente central. Este é, aliás, um dos grandes exemplos de uma técnica muito característica das *Vidas* plutarquianas e sem dúvida a mais vívida de todas as cenas da biografia, em que o *pathos* se revela de forma melodramática. Note-se como tudo decorre entre Coriolano e a mãe, apesar da multidão composta por homens e mulheres que os rodeia. A súplica da família contrasta com a contenção inicial do homem, para tudo se alterar no final, com a quebra da rigidez de Coriolano, através do simples «Ganhaste!» que dirige à progenitora (36, 5). Este tipo de encenação sugere igualmente a retórica teatral, em que as personagens são apresentadas como se estivessem

em cima de um palco, rodeadas por um coro[24]. Outras vezes, é a ênfase colocada sobre um gesto que marca essa teatralidade, tão característica da historiografia helenística[25]. Já referimos o momento em que a família de Coriolano cai de joelhos à frente do *paterfamilias* (36, 5), mas podemos evocar outros momentos, como aquele em que Tulo estende a sua mão direita a Coriolano para selar a aliança entre ambos (23, 9).

É também na moldura dessa teatralidade que se contextualiza o já mencionado *ethos* trágico de Coriolano. O dilema interior do herói, que se debate sob a camuflagem de uma ira auto-destrutiva entre a tão ambicionada vingança e o respeito e o amor pela pátria e pelos seus, quase que destrói a personagem, corroendo-a por dentro. O final de Coriolano, tal como Plutarco o apresenta, assassinado às mãos dos Volscos,

[24] Outras grandes cenas da *Vida* de Coriolano são a da outorga do *cognomen* ao herói (§10-11), a da condenação de Coriolano à morte (§17-18), a da aliança de Tulo e Coriolano (§22-23) e a das mulheres que, lideradas por Valéria, decidem intervir (§33). Sobre esta questão, ver Frazier (1992).

[25] Cf. Lacy (1952); Walbank (1960). Frazier (1992) 4525, porém, considera de modo pertinente que apesar de Plutarco se inspirar na historiografia helenística, existe nele também uma rejeição da tendência reconhecida nesse estilo historiográfico, ao recusar o patético excessivo, preferindo a sublimação, em que a elevação moral se faz com recurso a tópicos em que se percebem ressonâncias trágicas. Em contrapartida, as descrições fornecidas por Dionísio de Halicarnasso são bem mais contidas. Os seus comentários contribuem também para que se formulem juízos acerca das figuras e situações. A ausência desses mesmos comentários em Plutarco, porém, traduz a manipulação da obra do historiador de Halicarnasso por parte do biógrafo de Queroneia e potencia o dramatismo numa perspectiva trágica por parte do leitor.

antes aliados depois de terem sido inimigos, é um final digno do ambiente trágico. Coriolano recua na vingança, mas não deixa de ser nemesicamente castigado. Neste final, subjaz uma fatalidade que o Bardo inglês soube aproveitar da melhor maneira.

Mas, tal como acontece com as vidas de Temístocles e Camilo, que parecem ter sido profundamente influenciadas por um modelo baseado nas figuras épicas de Ulisses e Aquiles, também as biografias de Coriolano e Alcibíades sugerem um dívida assinalável para com um modelo orientado pelas mesmas personagens. Isto é, o carácter de Coriolano parece ter sido igualmente moldado sobre os aspectos marciais e irascíveis do Aquiles épico, de uma forma que acaba por contribuir para a justificação do seu desaire como estadista. Efectivamente, a ira de Coriolano assemelha-se em muito ao amuo do herói homérico. Tal como as virtudes do arquetípico Aquiles são uma desgraça para os seus inimigos, também Coriolano se revela um adversário invencível para os inimigos de Roma e posteriormente para a própria cidade. M.-L. Freyburger chega mesmo a falar de «a cólera de Coriolano», como se fosse a «cólera de Aquiles», e, recentemente, M. Nerdahl usou a expressão «Aquiles Romano» para se referir a Coriolano[26]. Em seu abono, recordemos que Plutarco diz que Márcio era «lesto na corrida» (2, 1), adjectivação que recorda o mais famoso epíteto do Aquiles homérico. Ambos

[26] Freyburger (2001); Nerdahl (2007) 118; ver também Pelling (1997); Salmon (1930) 97, n. 2. Note-se ainda que, segundo este autor, a *Vida* de Coriolano parece dever bastante à de Temístocles, dadas as afinidades reconhecidas.

assumem uma postura de rejeição em relação às suas origens, ambos são soldados inultrapassáveis, ambos são humilhados e desonrados, ambos mantêm uma relação particularmente próxima com as respectivas mães e estas têm um ascendente significativo sobre os filhos, ao ponto de conseguirem neutralizar a ira deles, fazendo com que os temas do *Coriolano* de Plutarco em parte coincidam com os da *Ilíada*[27].

Esta questão redireccionamos para a problemática das relações entre a História e a Literatura, ou melhor, entre a historiografia e a filologia, particularmente pertinentes no âmbito da Antiguidade Clássica. Até que ponto são as informações disponibilizadas pelos historiadores antigos matéria *de facto* ou matéria ficcional, importada das tradições literárias de modo a enriquecer os campos áridos da História?[28]

A biografia de Gaio Márcio Coriolano conta ainda com outras figuras que funcionam como auxiliares de recurso para a construção da mensagem do biógrafo. Uma delas é Tulo, o inimigo que acaba por se constituir o aliado de circunstância, ele próprio instrumentalizado para a vingança do protagonista. De certa forma, seguindo a análise que leva em conta

[27] Sobre o estilo homérico na descrição da tomada de Coríolos (8) ou na batalha contra os Anciates (9), ver Nerdahl (2007) 115-116. Salmon (1930) 97 considera ainda possíveis influências da *Oresteia*, no passo dedicado à votação das tribos (20).

[28] Rodrigues (2007). Naturalmente, não nos ocupamos aqui do paralelo entre Alcibíades e Ulisses, dado que faz parte do âmbito da biografia do primeiro. O tópico é particularmente desenvolvido em Nerdahl (2007) 108-151. Não esqueçamos que o próprio Plutarco cita a *Ilíada* nessa biografia, 32, 5-6.

Volumes publicados na *Colecção Autores Gregos e Latinos – Série Textos Gregos*

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).

5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).

6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).

7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).

8. Carlos de Jesus: Plutarco. *Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).

9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).

13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão.* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas Paralelas – Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

Impressão:
Simões & Linhares, Lda.
Av. Fernando Namora, n.º 83 - Loja 4
3000 Coimbra